

Quércia tenta segurar Covas com proposta de candidatura



O governador de São Paulo, Orestes Quercia, em seu gabinete no Palácio dos Bandeirantes

Da Sucursal de Brasília

O governador Orestes Quercia reuniu-se ontem em Brasília, reservadamente, com o senador Mário Covas com o objetivo de evitar um racha no PMDB em São Paulo e a saída do grupo de centro-esquerda comandado pelo líder peemedebista no Congresso constituinte. Quercia disse a Covas que há espaço para o grupo progressista dentro do partido e acenou com uma possível candidatura do senador ao governo de São Paulo, em 1990. "Viabilize-se", foi a sugestão de Quercia a Covas, lembrando que o atual vice-governador do Estado, Almino Afonso, também postula a candidatura.

Quercia afirmou que apoiará o nome escolhido pela convenção e que, tanto Covas como Almino podem e devem trabalhar por suas candidaturas. Covas ouviu sem se manifestar, mas solicitou novo encontro com o governador nos feriados da Semana Santa. Quercia aceitou prontamente. "Conversamos sobre unidade do partido", disse Covas depois do encontro.

Em entrevista, às 19h45, após reunir-se com o presidente Sarney no Palácio do Planalto, Quercia, afirmou que "é possível manter o PMDB unido pelo bem do país". O

importante no momento, na opinião do governador, são medidas econômicas para tirar o país da "grave situação" em que se encontra.

No grupo quercista, Covas é visto como a única força importante no PMDB paulista além do próprio Quercia. O senador Fernando Henrique Cardoso e o ex-governador Franco Montoro são tidos pelo grupo do governador como figuras sem expressão na máquina partidária em São Paulo. Exatamente por este motivo, na avaliação dos quercistas os dois são os que mais falaram em sair do PMDB. Garantir a permanência de Covas no partido asseguraria a força da legenda nas próximas eleições presidenciais. Os cinco anos de mandato para o presidente Sarney são vistos como uma certeza e cabe agora ao partido preparar-se para a disputa eleitoral.

Uma possível candidatura de Quercia no próximo ano facilitaria ainda mais o chamado "acordo paulista". Almino assumiria o governo estadual por um ano e disputaria, depois, uma vaga ao Senado. O caminho para o Palácio dos Bandeirantes em 1990 estaria, desta forma, aberto para Covas.

Depois do encontro com Covas, Quercia foi ao Planalto. Ao sair da

reunião com Sarney, afirmou ser "aliado do governo para resolver o problema da inflação e do desemprego". Disse ainda que, apesar de divergências de "alguns líderes" com o presidente, "o PMDB como um todo deve ajudar o governo". Antes de seguir para o aeroporto, o governador manteve um rápido encontro com o ministro da Justiça, Paulo Brossard.

Sobre a votação do mandato de Sarney nas Disposições Transitórias da nova Constituição, Quercia disse que "pelos condições políticas do país, é difícil dar quatro anos". Ele assegurou que não pretende interferir nesta decisão.

O encontro entre Quercia e Covas foi articulado por um dos homens de confiança do governador, a pedido deste. As 15h30, o secretário de governo de São Paulo, Antônio Carlos Mesquita, irrompeu no gabinete do líder do PMDB no Congresso constituinte. Covas não estava, e Mesquita foi encontrá-lo no plenário, convidando-o para o encontro. Mais tarde, da ante-sala do gabinete do presidente Sarney, Quercia telefonou para o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, para fazer um relato da conversa com Mário Covas. (Andrew Greenlees e Mauro Lopes)

PMDB perde maioria absoluta no Congresso

Da Sucursal de Brasília

Os números são da liderança do PMDB no Congresso da constituinte: com as defecções dos últimos dias, o partido perdeu a maioria absoluta que dispunha quando desembarcou na Constituinte, em 1º de fevereiro de 1987. Os 304 deputados e senadores peemedebistas de fevereiro de 1987 reduziram-se, segundo os cálculos da liderança do partido, a 278 (a maioria absoluta na Constituinte é composta por 280 parlamentares). Na verdade, o número é ainda menor, 277; não está computada a baixa do deputado João Cunha (SP), que antontem filiou-se ao PDT, já que a liderança do PMDB só registra adesões e defecções anunciadas oficialmente da tribuna da Constituinte, o que Cunha ainda não fez.

Desde o início dos trabalhos constituintes, 29 parlamentares deixaram o partido. Dois se filiaram ao PMDB, o deputado Ottomar Pinto (ex-PTB-RR) e sua mulher, a deputada Marluce Pinto, também de Roraima. Esta movimentação, muito mais intensa na direção da porta da saída, fez o partido chegar ao número de 277. A porta de saída não está fechada, pelo contrário. Na próxima semana, devem anunciar seu desligamento do partido o senador Gerson Camata (PMDB-ES) e sua mulher, a deputada Rita Cama-

ta, também do Espírito Santo. O senador Teotônio Vilela Filho (AL) e o deputado Koyu Iha (SP) também devem anunciar suas saídas do PMDB.

O sangramento maior é na fileira do agrupamento considerado "progressista" dentro do partido. Dos 29 que se desligaram do PMDB, 19 podem ser rotulados como "progressistas". A maior evasão ocorreu, até o momento, na bancada de MG. Dos 36 parlamentares que compunham a representação mineira do PMDB, nove abandonaram o partido. A segunda maior perda em números absolutos é na bancada do Mato Grosso, mas o peso relativo do desligamento de parlamentares daquele Estado é maior que no caso de Minas: a bancada emagrecceu de sete para três parlamentares.

Dos 29 ex-peemedebistas, 14 estão ainda sem qualquer filiação partidária. O PTB foi o favorecido, até agora, pela revoada peemedebista: sua bancada foi engordada por sete parlamentares, que compensam com folga a defecção do casal Pinto. Quatro dissidentes do PMDB se abrigaram sob as asas do PSB, e dois, João Cunha e Nelson Aguiar (ES), estão agora no PDT. Os dois parlamentares que anunciaram ontem, da tribuna da Câmara, durante a sessão da Constituinte, sua saída

Pleitos municipais causam evasão peemedebista

Da Sucursal de Brasília

Apesar de a maioria dos parlamentares que deixou o PMDB integrar o segmento de centro-esquerda do partido, não foi uma dissidência política ou ideológica que levou o lote mais fornido de deputados e senadores a buscar outras legendas. A proximidade das eleições municipais, marcadas para novembro, e a perspectiva de inviabilização de possíveis candidaturas diante da vitória de correntes contrárias dentro do partido, são motivos básicos de pelo menos 20 das defecções peemedebistas.

Um exemplo típico é o da saída de oito parlamentares de Minas Gerais,

liderados pelo deputado Pimenta da Veiga, na última quinta-feira. Juntamente com Pimenta, saíram do partido os deputados Octávio Elísio, Carlos Mosconi, Ziza Valadares, Roberto Brandt, Célio de Castro, Carlos Cotta e Mauro Campos. Todos foram literalmente atropelados pelo governador Newton Cardoso, que controla com mão de ferro o PMDB mineiro.

A situação mais crítica era a de Pimenta da Veiga: candidato declarado à Prefeitura de Belo Horizonte, não teria a menor chance de conseguir a legenda para concorrer nas eleições de novembro. A alternativa foi sair. (ML)

do partido, os deputados José Costa (AL) e Tadeu França (PR), ficam provisoriamente sem partido. Além do golpe psicológico que representa a perda da maioria absoluta formal, há uma realidade gritante: o partido que chegou à Constituinte com possibilidade de escrever sozinho o texto da nova Carta, não consegue aprovar mais nada sem alianças com outras legendas. (Mauro Lopes)

Governadores do Sul não querem adiar as eleições

Da Sucursal de Porto Alegre

Os governadores do Rio Grande do Sul, Pedro Simon, de Santa Catarina, Pedro Ivo Campos, e do Paraná, Alvaro Dias, todos do PMDB, se manifestaram ontem, em Porto Alegre, contra o adiamento das eleições municipais previstas para este ano. Segundo Dias, os atuais prefeitos já tiveram um "longo" mandato de seis anos. A mesma opinião foi expressa por Pedro Ivo, que disse achar melhor "termos eleições em três anos seguidos, 1988, 89 e 90, do que ver os atuais mandatos prorrogados".

Os três governadores, reunidos para dar posse a Pedro Simon na presidência do Conselho de Desenvolvimento do Extremo Sul (Code-sul), são favoráveis a um mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Indagados, porém, sobre a formação de uma frente de governadores do Sul pró-cinco anos, negaram ou foram omissos. Pedro Ivo foi o único a responder diretamente, dizendo que "não cabe aos governadores tomar iniciativa de propôr determinado período para o presidente Sarney".

Tanto Pedro Ivo quanto Simon e Alvaro Dias negaram ter sofrido pressões por parte do Governo Federal em troca de uma votação favorável ao presidencialismo na Constituinte. "Nunca recebi nenhuma pressão ou sugestão", disse Simon, que é parlamentarista.

Collor diz que deixa PMDB se 5 anos passarem

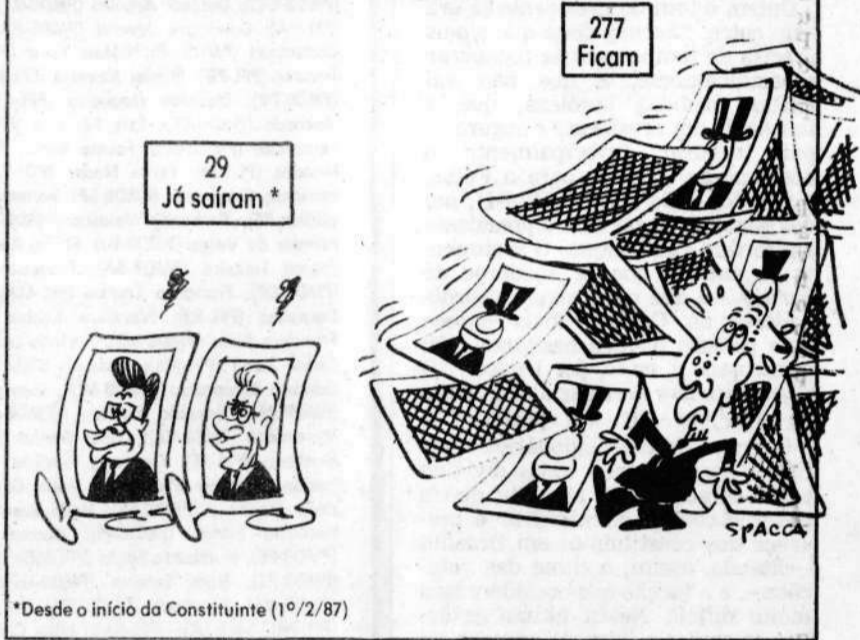
Da Sucursal de Porto Alegre

O governador de Alagoas, Fernando Collor de Mello, afirmou ontem que sairá do PMDB se o Congresso constituinte não aprovar quatro anos de mandato para o presidente José Sarney na votação das Disposições Transitórias. Disse já ter se decidido por essa posição por entender que o PMDB "acaba literalmente se aprovarem os cinco anos". Collor de Mello acrescentou que, na próxima semana, irá conversar com outros governadores favoráveis à antecipação da eleição "para ter idéia da ação que empreenderemos agora".

Ele acusou o presidente da República de ser "o grande patrocinador" da compra de votos para a aprovação do presidencialismo. O governador alagoano disse que, se sair do PMDB, terá de "avaliar todas as possibilidades" quanto ao seu futuro partidário. Reafirmou, no entanto, sua disposição de vir a disputar a condição de candidato à Presidência pelo PMDB.

Em palestra com empresários, em Porto Alegre (RS), disse que a sociedade brasileira "está acoçada pela corrupção que contamina a estrutura administrativa do país", por causa da "impunidade, desfaçatez, falta de pudor e de vergonha de várias pessoas que estão em posição de relevo". O governador disse ser imprevisível a reação popular em Alagoas se o Estado sofresse intervenção federal.

O PLACAR DO ESVAZIAMENTO



*Desde o início da Constituinte (1º/2/87)